

Editorial

AO ANALISAR A produção dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação brasileiros, Marialva Barbosa (2016) observa uma “supremacia de temas que dizem respeito ao ultracontemporâneo de cada época. . . . Assim, estuda-se questões relativas às práticas e aos processos comunicacionais que ainda estão em curso. É o tempo passando que é o objeto permanente dos estudos de comunicação” (p. 203). Apesar dos riscos desse aspecto – como escolha de objetos a partir de modismos –, assinalados pela autora, também se observa que a própria contemporaneidade dá relevância à pesquisa em comunicação. Se essa conclusão pode ser extrapolada para o campo internacional da área, é uma indagação a ser averiguada.

Porém, o que destacamos sobre os textos desta edição de **MATRIZES** é essa marca de contemporaneidade, de tentativa de compreensão de “processos inacabados” (p. 209). Desse modo, os dois textos internacionais do **Dossiê**, o primeiro e o terceiro da edição, **Da classe virtual aos trabalhadores do clique: a forma de trabalho na era das plataformas digitais**, de Antonio A. Casilli, e **Narrativas transmídia e experiências de maratona: Los casos del comisario Croce, de Ricardo Piglia, como projeto teórico**, de Eliseo R. Colón Zayas, discutem temáticas fundamentalmente atuais com esperados desdobramentos no tempo. Assim, no artigo de Casilli demonstra-se como a esperança de que o trabalho digital representasse o reino de autonomia e liberdade deu lugar ao controle e à precariedade laboral, num processo que, entretanto, está longe de ser finalizado. Já o trabalho de Colón discute as implicações do “projeto teórico” transmídia do escritor argentino Ricardo Piglia, as quais ainda poderão ter, como nota o autor do estudo, desenvolvimentos práticos futuros.

Ainda no **Dossiê**, os textos de Lucrecia D'Alessio Ferrara, **As diferenças das midialogias da comunicação**, e de Márcio Souza Gonçalves, **Para pensar comunicação, cultura e subjetividade: uma perspectiva de análise**, dão continuidade à ênfase autoral, crítica e propositiva que marca a seção. No texto de Ferrara há uma discussão sobre as diferenciações entre meios técnicos e midialogias, apontando para o desenvolvimento de uma epistemologia comunicacional que

busca superar a linearidade da comunicação como área científica. Gonçalves, por sua vez, defende uma perspectiva de análise das relações entre comunicação, cultura e subjetividade que tenha como meta escapar do determinismo tecnológico e da ideia de um usuário onipotente.

O artigo de Igor Sacramento e Raquel Paiva que conclui a seção, **Fake news, WhatsApp e a vacinação contra febre amarela no Brasil**, é outro exemplo significativo da tentativa de confrontar questões emergentes da sociedade por meio da pesquisa em comunicação. Note-se que no contexto atual de pandemia, a discussão efetuada no texto sobre os modos como a comunicação dialoga com a saúde ganha maior relevância.

A **Entrevista** deste número foi concedida por Paolo Gerbaudo e realizada por Richard Romancini. Nela, o pesquisador italiano discute aspectos da mídia digital e sua influência no ativismo e na política contemporânea, a partir da discussão de aspectos de seus três livros, cuja edição brasileira deve ocorrer a partir do início de 2021.

A seção **Em Pauta** começa com dois textos: **Títulos originais e licenciados com exclusividade no catálogo brasileiro da Netflix**, de Tomaz Affonso Penner e Joseph Straubhaar, e **Estudos de software televisuais: uma extensão dos estudos de produção**, de Carlos Eduardo Marquioni, que discutem transformações da TV no contexto digital. O primeiro artigo, a partir de dados do catálogo da empresa Netflix no Brasil, procura refletir sobre a permanência ou não do modelo de dependência cultural da América Latina perante os Estados Unidos. Já o texto de Marquioni discute a necessidade de desenvolver “estudos de software televisuais”, apontando características deles para complementar os “estudos de produção”, tendo em vista o crescente cenário de consumo televisivo em múltiplas telas.

Também numa perspectiva que vai do tecnológico ao social, José Messias e Ivan Mussa, em **Por uma epistemologia da gambiarra: invenção, complexidade e paradoxo nos objetos técnicos digitais**, discutem a noção de “gambiarra”, associada à constituição de objetos técnicos digitais, defendendo-a como um operador fundamental nas relações entre técnica, corpo e sociedade. No texto seguinte da seção, **Dialética do engajamento: uma contribuição crítica ao conceito**, Pablo Nabarrete Bastos analisa o conceito de “engajamento”, defendendo que não é correto pensar nessa noção exclusivamente em termos de práticas on-line.

O texto que dá continuidade à seção **Em Pauta** é **A tétrade de McLuhan na pesquisa em comunicação: revisão sistemática de aplicações no Brasil e em Portugal**, de Carolina Weber Dall’Agnese, João Canavilhas e Eugênia M. M. da Rocha Barichello, que procura verificar a fortuna da proposta da “tétrade de McLuhan” em pesquisas da área da comunicação nos países mencionados, discutindo como

e a quais objetos ela vem sendo aplicada. Em seguida, o artigo **Entre a greve e o locaute: os *ethè* em disputa pelo lugar de verdade nas cenografias ideológicas que paralisaram o Brasil**, de Fernando S. Antunes Junior e Ernani C. de Freitas, utilizando categorias de análise do discurso da escola francesa, apresenta um estudo que tem como base o episódio de paralisação de caminhheiros no Brasil. No caso em questão, a cobertura televisiva foi marcada por um cenário enunciativo midiático no qual o medo favoreceu a inserção da disputa simbólica no imaginário coletivo, procurando gerar aderência à ideologia dominante. Por fim, o último texto da seção, **A comunidade na expropriação: modos de alteridade no cinema de Pedro Costa**, de Edson Pereira da Costa Júnior, analisa elementos estruturais de obras do cineasta português para destacar e discutir os modos de alteridade acionados por ele.

A **Resenha** desta edição traz o texto **Vinho novo em odres velhos: sociedade de massa, espetacularização e novas tecnologias em *Black Mirror***, no qual Andreza Almeida dos Santos também se volta ao contemporâneo para discutir aspectos do livro *Isso (não) é muito Black Mirror*, de André Lemos. A resenha destaca, assim, a crítica de Lemos à série, ao mostrar que ela, apesar da tonalidade futurista, tende a uma perspectiva mais afinada com questões do século passado, sem vislumbrar exatamente os problemas e desafios da contemporaneidade.

Desejamos a todos uma boa leitura. ■

Maria Immacolata Vassallo de Lopes
Roseli Figaro
Richard Romancini
Luciano Guimarães

REFERÊNCIAS

Barbosa, M. (2016). A pluralidade de modelos interpretativos nas ciências humanas e o lugar da comunicação. In C. P. de Moura, & M. I. V. de Lopes (Orgs.), *Pesquisa em comunicação: Metodologias e práticas acadêmicas* (pp. 195-211). Porto Alegre, RS: EDIPUCRS.